

# *Ir partir viajar voltar*

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Nesta versão “nas nuvens”  
este escrito, que foi antes um livro  
um capítulo de livro, um artigo  
ou um outro qualquer texto,  
pode ser acessado, lido e utilizado  
de forma livre, solidária e gratuita.***

***Outros escritos meus  
podem ser acessados em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)***

*"Somos peregrinos no tempo" era, na linguagem de Santo Agostinho, não uma exortação, mas uma afirmação factual. Somos peregrinos, façamos o que fizermos, e pouco podemos fazer a este respeito ainda que muito o queiramos. A vida na terra não é mais do que um breve trecho de abertura para a eternidade da alma. Fundamentalmente, não foi a ser daqui que fomos destinados - e só essa parte de nós que foi destinada ao alhures é digna de preocupação e de cuidado.*

*Zygmunt Bauman  
Ensaio sobre a moral pós-moderna<sup>1</sup>*

### ***Ir, partir, viajar, entre o épico, o lírico e nós***

Por que se vai? Por que se parte de onde se está? Por que ir, ir-se? Por que ir embora? Por que viajar... errar? Penso que a epigrafe de Bauman escrita acima deverá nos acompanhar daqui em diante, ora como uma metáfora, ora como uma quase metonímia. Isto porque na modernidade líquida que ele agudamente analisa, este parágrafo de ancestral sentido religioso e cristão hoje poderia aplicar-se a outros tempos e outros termos, e a outros vários campos do acontecer da vida. Poderia ir desde a multiplicação das inúmeras variantes das experiências do sagrado, do religioso ou do espiritual, que retomam e reacentuam exatamente isto: não somos daqui, ou não fomos destinados ao lugar "aqui", até o seu oposto - real ou aparente - o "viajar a negócios" hoje tão absolutamente comum. Pois não nos deve espantar mais o fato de que uma porcentagem crescente dos ocupantes de aviões e de hotéis sejam mulheres e homens "de negócios" e "a negócios". O que de resto nada tem de novo, pois em boa medida, heróis entre os países árabes "do lado de cá do mediterrâneo" até viajantes saídos de países bem mais distantes e "exóticos" aventuravam-se, como Simbad, o marujo, não propriamente como navegantes, mas como mercadores.

Na ponta das razões do ir-e-viajar por onde iniciamos estas reflexões, sabemos que desde as "grandes religiões universais" até boa parte dos mitos dos sistemas de sentido dos povos tribais, quase sempre ou fomos criados por seres que "não são daqui, ou nós próprios viemos de outros lugares. Surgimos de outras esferas ou dimensões físicas ou imateriais do real. Em religiões mais próximas, como o cristianismo em suas variantes, aprendemos que, queiramos ou

---

<sup>1</sup> Está na página 90. Livro editado em 2007 pela Editora Relógio D'Água, Lisboa

não estamos condenados a estar "aqui" apenas por um breve tempo de nossas curtas vidas. E o que os médicos e outros chamam "morte", na verdade nada mais seria do que o começo de uma viagem. Uma viagem entre escalas - quando se crê na existência do Purgatório - ou uma viagem direta a um lugar definitivo. Uma viagem outra vida neste mesmo lugar, como entre os reencarnacionistas; uma viagem a uma outra vida em outro lugar; ou mesmo uma "passagem" a uma outra forma de existência em um até lugar-nenhum.

Desde as confidências de errantes e viajantes do passado longínquo entre países distantes, até as memórias de peregrinos - turistas ou não, cristãos ou não, praticantes de algum sistema "espiritual" de sentido estilo Nova Era ou não - do Caminho de Santiago, há sempre, entre os incontáveis que partem, vão embora, viajam, e voltam ou não voltam mais, alguns que deixam escritas as suas "memórias de quem se foi".

De maneira lamentável talvez os viajantes mais importantes de todos os tempos nada terão deixado por escrito a respeito suas viagens. Falamos aqui dos nossos ancestrais surgidos há alguns poucos milhões de anos no centro da África. Homens e mulheres, entre hominídeos e os primeiros *homo*, que levaram milhares de anos para se deslocarem dali, passo a passo, provavelmente em pequenos bandos não maiores do que famílias-tronco ampliadas, em direção a terras mais ao Norte. Aqui e ali sobraram restos de seus corpos petrificados: um crânio, um fêmur, um esqueleto um tanto mais completo.

O que aqui escrevemos sobre o ir-e-vir de alguma maneira não difere em quase tudo de outros diferentes estudos que nos últimos anos têm deslocado o que se escreve sobre o "viajar" dos arcaicos, antigos, recentes e atuais relatos de memórias para a pesquisa e a teoria a respeito do que afinal simplesmente é... "ir".

Possuímos hoje uma variedade apreciável de estudos que vão de análises pessoais estilo: "meu haver ido por aí", a complexas interpretações fenomenológicas do exílio, do deslocamento forçado ou voluntário, da viagem por um motivo definido, da errância, da peregrinação, da vagabundagem, da vagamundagem, e outras tantas variantes do gesto simples que há no afinal abrir a porta da casa onde se vive, e partir.

E, tal como tem acontecido com tantos outros "temas" que acabam se tornando "questões" dignas da atenção de uma pesquisa, neste campo - um campo em vários sentidos ele mesmo errante e móvel - estamos defronte a um entrecruzamento de olhares. A uma fecunda aproximação de/entre fronteiras entre ciências que vão da geografia á antropologia e delas à sociologia, à história (talvez a área pioneira nestes estudos), à psicologia, à semiologia e até outras aparentemente mais afastadas. Este é um campo de estudos em que antes de se aventurar a penetrar em algum "não-lugar" teórico ou "de campo", que pesquisa e escreve sabe que ele mesmo pode estar situado em um equivalente não-lugar. Ou um lugar desde onde se pensa, teoriza, pesquisa e escreve que para ser fecundo

ou mesmo possível precisa deslocar-se da segurança da moradia de uma ciência ou uma teoria única, para uma encruzilhada entre algumas, ou mesmo uma área de fronteira entre várias.

Assim sendo, se pudermos ousar estabelecer uma relação ainda não bem estabelecida entre a literatura e a andarilharem, talvez pudéssemos relacionar uma à outra através de uma oposição bastante conhecida. Falo da dicotomia que às vezes existe entre a poesia épica e a poesia lírica. Algo que entre primeiros ensaios pioneiros vem desde uma antiguidade anterior à Grécia Clássica, mas que apenas nela toma a forma que com variações chega até nossos dias.

Sabemos que entre os povos que se alçaram à palavra escrita, e que a fizeram evoluir a ponto de constituírem uma literatura consolidada, primeiro os poetas - não raro eles mesmos aedos errantes, como na Grécia - escreveram, falaram ou entoaram epopéias ao som de liras. Epopéias não raro transformadas na poesia de todo um povo. Algo de que o *Gilgamech* babilônico talvez seja o mais antigo exemplo conhecido. Apenas anos ou mesmo séculos mais tarde surge e se difunde uma poesia lírica.

Podemos reconhecer algumas haja exceções aqui e ali. Talvez este seja o caso da literatura do povo de Israel, que desde os seus primórdios preferiu os pequenos e quase sempre pessoais *Salmos* e mais o *Cântico dos cânticos*, a alguma grande epopéia posta por escrito. A menos que queiramos considerar o *Gênesis* e as páginas das escrituras sagradas dos hebreus que tratam a viagem de Abraão e sua parentela desde Ur e, mais ainda, a longa peregrinação do "povo hebreu" saído do Egito e vagando por quarenta anos entre desertos, como grandes e não assumidas épicas. Primeiro a de um homem, sua linhagem, seus animais e as suas posses móveis. Depois, a de todo um povo errante.

Partamos de que a primeira poesia é a épica, que na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero conhecerá seus momentos de um apogeu talvez nunca suplantado. Nelas, ademais de criar o chão simbólico de um "sentimento do ser grego", e estabelecer os fundamentos de uma simbologia da religião e de uma ética grega, Homero mistura em seu poema uma guerra entre deuses e heróis de um lado e do outro, e a viagem de navegantes guerreiros. Um ir-e-vir de viajantes, uns para chegarem a um lugar até onde se vai (Tróia, na *Ilíada*), outros para retonarem ao lugar de onde vieram (Ítaca, na *Odisséia*).

Na *Ilíada* a epopéia começa com os preparativos - e os entreveros - para uma viagem em que inúmeros barcos dos diversos povos e pequenos reinos da Hélade seguem juntos em direção a Tróia, do outro lado do Mediterrâneo. Navegam juntos para uma guerra que custaria aos gregos dez anos "longe do lar". Na *Odisséia* o que temos é o relato de uma viagem. Uma longa viagem de dezessete anos de Ulisses e seus companheiros a Ítaca. Recordemos que Ulisses, ao final de inúmeras peripécias ao longo das quais vai perdendo companheiros de armas e de viagem, chega sozinho à ilha de seu reino e seu lar.

Observemos de passagem que entre as grandes epopéias e os mitos tribais: a) há heróis que partem de onde são e retornam ao seu lugar de origem; b) há heróis que partem de um lugar de onde são e terminam a sua jornada em um lugar de que não eram; c) há heróis que partem do lugar de onde não são originariamente e chegam enfim a um lugar distante de onde passam a ser; d) e há, finalmente, heróis que partem de um lugar de onde não são e chegam afinal a um outro lugar (terrenal ou não) de onde não eram e de onde passam a ser.

Observemos ainda que de novo entre epopéias e mitos: a) há heróis que partem sós e retornam sozinhos; b) há heróis que partem sozinhos e retornam com outros; c) há heróis que partem com outros e chegam sozinhos (como o próprio Ulisses); d) e, finalmente, há heróis que partem com outros e retornam com outros (todos os de antes ou apenas uma parte deles).

Quase sempre em todas as epopéias dos mais diferentes povos da antiguidade, o que se celebra é a viagem aventureira de um ou de alguns heróis lendários. Quase sempre eles são guerreiros e, no mais das vezes, guerreiros errantes, solitários ou coletivos. Raramente alguém chega a ser um herói de epopéia sem haver um dia partido de um lugar onde nasceu, ou onde viveu até partir para aventura que a epopéia rememora.

Apenas mais tarde, na Grécia e em outras culturas, surge a poesia lírica. E ela se associa ao feminino, ao nascer do sentimento de si-mesmo e ao desabrochar de afetos, sentimentos e sofrimentos que podem ser, além de sentidos e falados (ou cantados), postos também por escrito. Safo é o outro lado da moeda que trás nela também o rosto de Homero.

Diversa da epopéia, a lírica canta, narra ou descreve viagens interiores por territórios de uma pessoa, ou as trilhas ardentes de uma forte relação entre duas pessoas. E pelo menos em boa parte, na poesia lírica, quem fala ou escreve e aquele ou aquela que ficou, enquanto um outro partiu. Será que algum dia Penélope escreveu poemas líricos enquanto Ulisses guerreava ou retornava turbulentamente ao lar?

No mais das vezes, através de um "eu" - um grande herói guerreiro, viajante, descobridor, colonizador - uma epopéia celebra um "nós": uma gente, um clã, uma linhagem povo, uma nação. Em direção oposta, podemos imaginar que a lírica, através de um "nós" - o modo se ser, viver, sentir e sofrer de um povo, de uma classe social, de uma etnia, de uma cultura - celebra um "eu": uma pessoa que vive e sente; e fala e escreve o sentir de si-mesma, entre a alegria, o desejo, o temor, o sofrimento ou mesmo o desespero.

E por que motivo estamos associando aqui uma estranha oposição entre epopéia-lírica na literatura antiga, e a andarilhagem, o viajar?

Por um motivo simples. Porque acreditamos que tal como na literatura, também no "ofício de viajar" subsiste uma semelhante oposição. E por certo uma pesquisa histórica demonstraria que desde a origem da humanidade no centro da

África até tempos que de algum modo nos levariam a momentos bem mais próximos a nós, por volta dos séculos XVII, VIII e XIX de nossa era, muito provavelmente primeiro pessoas, grupos humanos, povos inteiros deslocam-se "epicamente" e, fora exceções notáveis, somente muito mais tarde, segundo um padrão "lírico".

Por necessidade devida a questões ambientais (a busca distante de alimentos, cataclismos inesperados ou grandes secas), ou a dramas de político-sociais (em geral envolvendo conflitos e guerras), diferentes grupos humanos saíram/partiram de onde estavam e viviam, em direção a um outro lugar: um lugar-outro próximo, distante ou mesmo remoto. Estes e outros deslocamentos ancestrais terão sido as viagens de grupos humanos inteiros. Dilatado o bastante entre eras da história humana, aquele foi - e de algum modo continua sendo - o tempo do povo-errante; . do povoador-ancestral, do bando nômade, de pessoas, famílias, parentelas, aldeias, povos inteiros afinal residente e, depois, desalojados de um lugar de origem ou de remota chegada ancestral.

Os humanos criaram primeiro as culturas da caça, e depois do pastoreio. E somente muito mais adiante tornaram-se culturas da lavoura; da agricultura que fixa bandos errantes e os transforma, de grupos semi-nômades em comunidades estabilizadas em um lugar. Uma humanidade que passa do gamo que se caça ao boi que se cria e, dele, ao milho que se planta.

E bem sabemos que neste campo histórias aproximam-se bastante, entre a fantasia e a realidade. Sagas tão distantes como a dos astecas, a dos primeiros romanos, a dos hebreus, a dos colonizadores protestantes da Inglaterra no que viria a ser bem mais tarde uma nação, os Estados Unidos da América do Norte, a dos nordestinos no Acre. E pelo menos em alguns casos, esta história será também o nascedouro das epopéias -nem sempre recomendáveis - do descobridor pacífico (em termos), do conquistador guerreiro, do colonizador pioneiro. E também de seus derivados e acompanhantes, de que exemplos conhecidos, porquanto são os dos começos de nossa "história", são: o indígena fugitivo do litoral para o interior do Brasil, o missionário conversionista vindo da Europa às Américas, o escravo dos povos da África, roubado de suas aldeias e expatriado ao longo de três séculos.

Fora exceções quase sempre apagadas da história, ou aqui e ali ainda lembradas, tais como Hesíodo ou, séculos mais tarde, Marco Polo, será preciso esperar muito tempo para que a humanidade venha a conhecer o que poderemos considerar o típico "viajante lírico". O viajante "solo", solitário, calculista ou aventureiro. Aquele que adiante veremos viajando para descobrir, para conquistar, para colonizar, para servir a outros sob o domínio da força, para cumprir do dever de conduzir outros, para conhecer, para confirmar com uma viagem uma crença ou uma fé em deuses fundadores ou em espíritos vagantes, para simplesmente errar e vagabundear.

Este último será o errante-por-errar que, á diferença de seus ancestrais, não parte, não viaja e, nem retorna um dia ao lugar de onde partiu, por haver saído obrigado, ou em nome de um dever coletivo, para fugir de um lugar, para refugiar-se em um outro. Tampouco para invadir territórios e conquistar e/ou colonizar outros povos, seres de outras culturas. Ele não se confunde com os que mais "partem do que viajam, e que no mais das vezes migram coletivamente de um lugar para outro..."para sempre".

O "errante-lírico é o viajante que "vai por querer". É quem deixa os "seus", a "sua cidade", a "sua pátria" em busca de outras paragens, de outras gentes, outros povos, por conta própria. Ou por sua conta e risco. Aquele que parte afinal em busca "do outro", ou, em direção quase oposta, aquele que como Sidarta Gautama ou Jesus Cristo no deserto, vai para longe em busca de si-mesmo. Vai, parte, mas retorna, pois tanto Buda e Cristo, quando o Zaratustra de Nietzsche, depois do encontro de si-mesmos, retornaram ao meio dos outros para se revelarem, para os ensinar, para os converter a trilharem o mesmo caminho<sup>2</sup>.

O errante "errante lírico" de quem falo aqui vai do peregrino, do romeiro, do ermitão, ao aventureiro do passado ou mesmo de presente (Robson Crusóe e Almir Klink), até o poeta caminhante como Herman Hesse, ou mais errante, como Lord Byron, ou Rainer Maria Rilke<sup>3</sup>. Entre os nossos podemos opor Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado, mineiros avessos ao viajar a Vinicius de Moraes, João Cabral de Mello Neto (não por acaso ambos diplomatas) e Hilda Hilst<sup>4</sup>.

A meio caminho entre o viajante coletivo e épico - forçado ou não a atravessar fronteiras e, não raro, oceanos - e o errante solitário e lírico, vocacionado a partir por algum tempo ou para sempre, por vontade própria e movido por um desejo interior, pensamos que seria oportuno situar categorias de outros viajantes. Errantes de longa ou curta duração, com quem inclusive uma boa parte de nós mesmas(os), pessoas *da* e *na* academia, nos identificamos.

Talvez seja aqui a melhor lembrança a imagem conhecida do Beagle, o navio inglês que zarpa conduzindo navegantes de ofício, e por ofício obrigados a

---

<sup>2</sup> Sabemos bem que o nome Cristão é tardio, assim como o símbolo da cruz, no cristianismo. os primeiros seguidores de Jesus Cristo se reconheciam como os que "estavam no caminho", os "do caminho", os "seguidores do caminho". E tinham na imagem de um peixe o seu símbolo identitário. *Ictios*, a palavra grega para peixe, tinha iniciais que formavam a frase: Jesus Cristo, filho de deus salvador. Não esquecer a força da expressão "estar na caminhada" entre cristãos de hoje seguidores de alguma variante da teologia da libertação e, em geral, reunidos em uma comunidade eclesial de base. Também entre várias denominações evangélicas, sobretudo pentecostais e neo-pentecostais, o "estar no caminho" é uma frase fortemente simbólica.

<sup>3</sup> Na Galícia me foi dito que durante a Idade Média havia três categorias fundamentais de "errantes do sagrado" (a expressão entre aspas é minha). Romeiro, aquele que se dirigia a Roma. Peregrino, o que partia rumo a Santiago de Compostela. Cruzado, o que ia em busca da "Terra Santa".

uma longa viagem de circunavegação, ao lado de militares e outros oficiais "a serviço da Coroa Inglesa" e conduzindo um solitário (e talvez incômodo) viajante-cientista, chamado Charles Darwin. Darwin viaja só. Assim como a maioria dos outros tantos diversos semelhantes pré-cientistas, ou cientistas acadêmicos de seres da natureza - de pedras a plantas e pássaros - ou de seres da cultura, dos povos tribais distantes aos camponeses de sua própria "gente". Em viagem-solo e na companhia de um desenhista auxiliar, herbolistas, geólogos, biólogos, "naturalistas", enfim e, mais tarde, geógrafos e antropólogos, viajam "por conta própria". No entanto, á diferença do poeta-errante, eles vão a serviço de uma ciência, de uma academia científica como as que surgem em séculos anteriores e proliferam por toda a parte no século XIX, ou mesmo, em nome e com o patrocínio de instituição de cunho universitário.

Partem em missão com um propósito que dá á sua viagem um sentido de dever-a-cumprir. Aquilo que separa as viagens de Darwin, de Humboldt ou de Saint-Hilaire, da viagem que levou anos mais tarde Paul Gaugin a sair da França em direção ao Taiti.

Colombo foi um coletivo e persistente navegante épico; Gaugin um solitário errante lírico. Darwin está situado entre os dois.

### ***O dizer do viajar: seus verbos, seus nomes***

Ao pensar agora para além do paralelo com poesia épica e a lírica, aquilo que move um povo, um grupo humano ou uma pessoa a sair de, a partir, a viajar, trabalhamos aqui a partir (sem trocadilhos) de uma pergunta simples: quais são os verbos que mais têm a ver-com, que designam, que qualificam, que classificam, que descrevem, etc. o complexo ato de se sair, de ir-se, de partir, de ir embora, de viajar, de errar, de andarilhar, de refugiar-se?

Acreditamos que se ao invés de partirmos de sujeitos ou de identidades de errantes-viajantes, tomarmos aqui o caminho de uma coletânea dos diversos qualificadores de seus múltiplos deslocamentos, e dos motivos pessoais e/ou sociais de suas viagens, possivelmente poderemos chegar a um desdobramento bastante mais alargado.

Em um primeiro momento juntaremos aos verbos-do-ir algumas palavras que procuram dar um sentido aos próprios verbos. Pois se por algum motivo alguém "vai", "parte", "viaja", ou mesmo "faz-se de vela", como diziam antigos navegantes, quais são os seus motivos? Quais seriam os motivos que nos permitiriam, pelo menos em um primeiro amplo plano, reuni-los em categorias de viajantes. Entre um verbo e um substantivo, um adjetivo, advérbio ou mesmo um

---

<sup>4</sup> Adélia Prado nunca se dispôs a sair de sua casa em Divinópolis. Hilda Hilst, durante parte da vida bastante mais errante, terminou sua vida na Chácara do Sol, solitária de seres humanos e rodeada



outro verbo, estamos diante das duas perguntas: o que é ir?; e por que (ou em nome do que ou de quem) se sai de onde se está... e se vai?

Quem tenha prestado atenção ao léxico e ao lógico das diferentes línguas que nos são mais próximas, poderá verificar que talvez em quase todas as línguas existe uma pluralidade muito grande – exagerada talvez – para uma mesma ação: sair, ir, partir, viajar.

Vejamos. Se reunirmos alguns verbos (e o leitor está convidado a completar a relação), estaremos diante de qualificadores de ações como: *ir, ir-se, sair, partir, viajar, vagar, aventurar, peregrinar, vagabundear, deslocar-se, fugir, migrar, emigrar, errar, exilar-se, refugiar-se*. A coleção de verbos de quem vai poderia aumentar ainda. Poderia ser, por exemplo, acrescida dos vários verbos que sugerem como-se-vai: *caminhar, correr, rodar, navegar, voar*, e assim por diante.

Na outra ponta (ou quem sabe? Na “terceira margem do rio”), esperamos verbos de ações de quem, depois de haver ido, viaja e/ou em algum momento, chega. Assim temos: *chegar, vir, arribar, pousar, concluir, aportar, encontrar, descobrir, conhecer, conquistar, ser acolhido, refugiar-se, esconder-se, descobri-se, viver, conviver*.

A meio caminho entre quem vai e quem chega, podemos lembrar as ações ou não-ações - de acordo com os mestres taoistas, alguns deles grandes viajantes - de quem... fica. Ele poderiam ser: *estar, ficar, deixar-se ficar, permanecer, morar, viver em, fixar-se*.

Finalmente, como boa parte dos que “vão e viajam” algum dia “voltam”, podemos completar nossa relação com palavras que sugerem justamente o retorno: *voltar, retornar, re-encontrar, rever, fazer-se acolher*. Existe mesmo a expressão antiga: “torna viagem”, para a feliz viagem de volta.

Por outro lado, pensamos que em quase todas as línguas, pelo menos as do Ocidente, existem muito mais palavras qualificadoras para aquele que vai, do que para quem fica. Estejamos atentos para o fato de que o oposto da palavra “viajante” é uma estranha e quase nunca usada palavra: “ficante”. Existiria uma outra palavra para aquele ou aquela que fica e espera (ou não) quem partiu? Quais palavras poderiam formar pares de opostos com: viajante, errante, peregrino, navegante,romeiro, turista, refugiado, exilado, fugitivo, ou mesmo o neologismo: “trotamundo”?

Finalmente, como o viajar, talvez desde era imemoriais, implica o “deixar os meus e o meu mundo e aventurar-me”, podemos imaginar que existem bem mais expressões corriqueiras para despedir alguém que parte do que para saudar, no momento da despedida, aquele ou aquela que fica. Quais seriam as respostas para: “boa viagem”, “vai com Deus”, “Deus te acompanhe”, “volta logo”,

"breve retorno"? Alguém conhece algo como: "boa ficagem?" Sim, por certo existe a fórmula corriqueira e piedosa: "fica com Deus", que troca um verbo para corresponder ao "vai com Deus".

Ora, se quisermos fazer corresponder classificatoriamente alguns verbos para designar a qualidade de um deslocamento, ou os motivos mais substantivos do "porque se vai", poderíamos obter uma primeira classificação porventura relevante aqui. Mais adiante iremos nos encontrar com Zigmunt Bauman (ele mesmo migrante polonês que encontrou sua nova morada na Inglaterra). Em um momento do texto que nos espera ele irá opor o turista ao vagabundo. Não fica claro se ele absorver o vagabundo, o trotamundos na categoria vagabundo.

Para efeitos deste estudo classificatório, pensamos que podemos colocar em um ponto extremo de um "caminho de alternativas do viajar" aqueles movidos por um máximo de desejo voluntário de ir, de partir, de viajar, pelo prazer da viagem em si mesma, ou pela vontade de chegar a algum lugar de natureza, de sociedade ou de ambos, como ponto final da viagem de turismo. No ponto oposto extremo devemos colocar aqueles que, ao contrário, partem, deslocam-se, ou são forçosamente deslocados de onde estavam, e viajam devido a um máximo de imposição contrária às suas vontades. Os que desde eras imemoriais são "roubados de suas terras" e obrigados a viajar para a morte, como nos campos de extermínio nazistas, o exílio ou a escravidão devido a alguma modalidade de ato-de-força.

Aqueles a quem se obriga a partir solitária ou coletivamente através de um gesto de poder ou de um ato de violência. Violência direta, como na expulsão de um povo de suas terras, sob a ameaça de morte. violência indireta, como ocorrer agora com palestinos em Gaza, ou refugiados sírios. Na seqüência de uma trajetória de barbárie que se repete, e mesmo em algumas situação dramaticamente se intensifica em nossos dias lembra que ainda hoje povos inteiros são expulsos de suas terras, ou são levados a força para lugares de exílio, desterro ou escravidão.

Vimos já brevemente como história recente do próprio Brasil repete com variações a desventura de povos ou frações de povos aprisionados como escravos, tal como sucedeu com a "diáspora negra" de africanos trasladados das Áfricas para as Américas. Pessoas, famílias, grupos étnicos, culturais, religiosos, mesmo nos dias de hoje são obrigadas a deslocar-se, forçadas seja por acidentes naturais ou, mais ainda, devido a guerras, violações de acordo ou expropriações de territórios.

Não devemos esquecer que vivemos em uma era em que, em planos opostos, ao mesmo tempo em que aumenta exponencialmente o número de turistas, cresce de igual maneira o número de exilados, de expropriados, de refugiados. Segundo cálculos recentes a Organização das Nações Unidas, são cerca de 85 milhões as pessoas desalojadas a força de seus locais de origem. Um

número não muito diferente daqueles que, no polo oposto a cada ano partem de suas casas e lugares de vida para "fazer turismo".

A oposição entre quem parte por uma obrigação imposta, por *ter que ir, ter que partir, ter que deslocar-se, ter que viajar* e quem vai pelo *desejo-de-ir, pelo prazer-do-viajar* deve ser a base de qualquer tentativa de qualificação das razões-do-ir.

Ora, entre estes dois supostos ou reais viajantes-extremos, outros atores movidos por, ou praticantes de outros verbos nos ajudariam a pensar algumas outras categorias de atores do viajar. Pensemos agora na pequena multiplicidade daqueles que viajam por um dever de partir. De um partir de onde se está ou onde se vive, para sempre ou por algum tempo, neste caso, com um retorno previsto.

*Partir por dever.* O gesto pessoal ou coletivo de quem a sós, em pequenos grupos ou mesmo em coletividades maiores, parte de onde está e viaja em princípio devido a um compromisso que dita o motivo, a direção e o tempo da. De saída podemos estabelecer aqui uma dicotomia evidente. Se sai-e-vai porque se deve a alguém que não a si-mesmo o partir e viajar; ou sai-e-vai por um imperativo interior, pessoal e supostamente livre. Isto se partirmos do suposto que o "natural" na vida humana seria o ficar-onde-se-está. E sempre que sai é devido a algum motivo que sugere, convida, convoca ou obriga o deslocamento. Fica quem pode ficar; vai quem deve ir. Menos no pensar das pessoas a quem o livre poder ir e viajar não se abre aos desejos do aventureiro e nem aos prazeres do turista.

Devendo a outros (uma pessoa, um grupo corporado, uma instituição profana ou sagrada, uma missão, um exército, uma pátria) o dever-ir, ou mesmo *dever-de-ir*, é necessário qualificar minimamente os verbos de termos da dualidade sugerida aqui. Podemos pensar que quem vai, parte e viaja, vai *por dever*. Mas neste *ir-por-dever* uma pessoa pode estar se deslocando:

a) *por viajar* : para realizar na viagem a sua própria profissão, pois há pessoas cuja ocupação central na vida é vivida através de viagens, em alguns casos a sós, em outros, mais comuns, levando em algum móvel outras pessoas ou algo. O piloto de aviões e as comissárias de bordo, o comandante de um navio e seus marujos, um caminhoneiro ou um motorista de ônibus são seus exemplos. Um guia de turismo ou mesmo um guia de "esportes de aventuras" podem ser exemplos mais "modernos".

b) *por fazer*: para que a viagem se realize como um feito-em-si-mesmo. Ou, na imensa maior parte dos casos aqui, para realizar algo concreto e definido em lugar de destino. O descobridor, o conquistador e o colonizador do passado, assim como o migrante voluntário de um país a outro, tanto quanto um pedreiro que viaje de um lugar a outro para edificar uma casa, são bons e conhecidos exemplos.

Estejamos atentos que de forma diferente dos atores sociais da categoria anterior, os que se situam nesta outra modalidade do ir-e-viajar não possuem na própria viagem o sentido ou o motivo do haver partido. Ao contrário - embora ambos possam estar viajando no mesmo navio - para o descobridor (mesmo quando um navegante), o conquistados, o colonizador, o migrante, a razão do deslocamento está para além da viagem. Está onde ela finda. Está no destino a que ela conduziu quem partiu e viajou,. Está definitivamente em uma "chegada a". A um ponto de destino; um lugar natural e/ou social da razão de ser de seu deslocamento.

Sigamos por um momento com personagens conhecidos e, alguns deles, já mencionados aqui. Há entre Colombo, Cortez e os peregrinos ingleses do passado ou os migrantes italianos do Sul do Brasil uma diferença evidente, entre as suas semelhanças. Colombo, um descobridor, viajou quatro vezes e depressa retornou quatro vezes ao porto de destino porque seu destino era partir-chegar-a, descobrir-e-retornar. Teria permanecido por mais tempo se houvesse chegado ao Cipango de suas fantasias?

Cortez veio para chegar ao já descoberto, desbravar, conquistar, tomar posse e efetivar um domínio. E depois retornar ao Reino de Espanha. Já os peregrinos e, mais tardes, os migrantes de Europa às Américas, vieram em uma viagem-sem-volta. Vieram não para descobrir e nem para conquistar (pois creio que os peregrinos ingleses não se consideravam conquistadores, mas colonizadores), para estabelecer um lugar. Ou, se quisermos rememorar Yi-Fu-Tuan (*procurar onde*), para estabelecer em um espaço, um lugar.

*Partir por crer:* para tornar uma realidade vivida e visível uma fé, uma crença, um acreditar em, de caráter religioso, confessional ou não. Entre a categoria acima e esta poderia estar situado o missionário do passado e do presente. Aquele que viaja em nome de uma missão conversionista, ou para trabalhar em um hospital na África. Ele vai em geral devido a um dever-ir devido a uma instituição que vai da igreja católica à sua congregação religiosa. No entanto, esta dívida-a-um-outro, só faz sentido em função de uma experiência de partilha de crença, traduzida como um imperativo pessoal de fé. Talvez bastante mais lembrado hoje em dia, é peregrino, sobretudo em função da recente popularidade do Caminho de Santiago e da proliferação de novos "caminhos da fé", inclusive aqui no Brasil.

*Partir por saber:* por conhecer, por pesquisar, para dever ir buscar fora de onde se está, o contexto natural (geologia, botânica, primatologia) ou cultural (antropologia, arqueologia) de um saber cujo acesso impõe a viagem. Uma viagem que se tornar ela própria a situação e o cenário do viajar-por-saber, ou que conduz a um ou mais de um locais de destino onde o objeto, ou os sujeitos de tal

saber estão. Creio haver lembrado muitas linhas acima a presença de Charles Darwin a bordo do Beagle, como um cientista que se envolve com uma demorada e perigosa viagem apenas pelo afã de visitar lugares, conhecer espaços de natureza explorável como e pelo conhecimento, e buscar dados e fatos para estabelecer não um domínio, mas uma descoberta.

Sabemos que quase ao mesmo tempo em que a Europa começa a exportar cientistas - primeiro da natureza, depois da sociedade e da cultura - aos "novos mundos" descobertos, categorias novas de viajantes que depois se tornarão extremamente freqüentes em nosso tempos, começam a surgir com um marcado crescendo demográfico: o viajante intelectual não-cientista e quase sempre solitário, do poeta errante, ao músico em busca de novas sonoridades e outros mestres em "terras estranhas"; o turista, crescentemente coletivo e, mais adiante, as variantes antigas e atuais de vagamundos, trotamundo.

Retomemos as primeiras páginas deste capítulo, para recordar que em um passado que de algum modo e com variantes estende-se aos nossos dias, o navegante descobridor, o desbravador, o conquistador, o colonizador, foram atores-autores do viajar mais lembrados e celebrados.

Mas entre eles seria preciso reconhecer a distância não apenas temporal que separa um Vasco da Gama de um Almir Klink. No intervalo entre eles vale a pena lembrar que em um mundo em que não há propriamente mais territórios e continentes a "descobrir", o navegante Colombo ou viajante Marco Polo de ontem transformam-se no viajante aventureiro e quase sempre solitário de agora. Muito embora seja um navegador, Almir Klink aproxima-se mais de Marco Polo do que de Colombo.

Em nossos dias, ao mesmo tempo em que a NASA prenuncia para um futuro não distante, novas categorias de "exploradores oficiais" com destino a Marte e, mais adiante, a quem sabe onde no espaço, o descobridor do passado, coletivo e agenciado, em boa medida transforma-se no aventureiro solitário ou de pequenos grupos, ao redor de oceanos, em busca dos pólos ou à procura dos últimos "rincões não explorados da Terra".

Um outro indicador de diferenças poderia separar, mais do que opor, entre os que *vão-por-dever*, aqueles que mesmo quando não profissionalmente obrigados a deverem contratualmente o seu viajar a um outro (a rainha de Espanha, a Ordem de Cristo, a Companhia das Índias Ocidentais, uma confraria de corsários), e aqueles que viajando mesmo quando não são originalmente obrigados a viajar, devem a partir de um momento a sua viagem a outros. Devem-na a partir de um momento contratual, na posição de pessoas voluntária-contratualmente, obrigadas ao seu deslocamento, como autores-atores individuais ou coletivos de um projeto de viagem que, uma vez aceito, contratado e patrocinados, os obriga a viajar. Aí estão Colombo no passado e Almir Klink hoje.

Assim, se retornarmos ao nosso gradiente imaginário - e fluido -, a partir da ponta mais impositiva do viajar e distante ainda da ponta mais volitiva, entre o escravo ou o expatriado e o turista ou o trotamundo, podemos dispor, respeitando uma ordem decrescente de impositividade ou de dívida-ao-outro: o viajante profissional condutor freqüente de outras pessoas ou de objetos; o viajante obrigado a uma ou mais viagens eventuais "a serviço"; o viajante autor-ator de um projeto de viagem de aventura, de pesquisa, de peregrinação, etc. e diferenciadamente obrigado contratualmente a viajar a só, em pequeno grupos ou em nome de um projeto aprovado.

Partindo daí em direção a vocações mais volitivas do ir, partir, viajar, nós nos encontraremos com as diferentes modalidades de viajantes que se deslocam por uma questão pessoal ou coletiva de crença, de fé em alguém ou em algo. Penso tomar a sua variedade verbal e autoral como um exemplo e eles nos esperam desde a linha, ou o trecho de viagem a seguir.